

Fornos

Publicado no dia 05/07/2013

Na estrada que liga Moimenta a Paradinha encontramos o alto de Fornos, lugar explorado recentemente para construção habitacional, logo ao fundo da zona industrial concelhia. É aí que se encontra a estrada que conduz à remota povoação, nascida num bucólico lugar ao fundo de uma escarpada serrania de terra saibrosa. A descida faz-se por uma estrada que serpenteia em curvas e contra-curvas, podendo-se lóbrigar alguns casinhotos graníticos já sem cobertura e um matagal cerrado, com espécimes arbóreas pequenas, médias e de grande porte, de onde sobressaem os pinheiros como os mais abundantes. Além destes, toda uma série de espécimes selváticas típicas da região e alguns carvalhos.

Do outro lado da povoação, para as bandas no nascente descobre-se outro cerro clivoso e confragoso mas muito mais calvo. Entre os dois, um denso plano de cultivo que faz dela uma terra farta de coisas com que regalar a gula.

Pelo inestancável caudal do rio Cronos vamos encontrar neste recanto as raízes moimentenses. O vocábulo *Fornos* alude a um povoado antigo de culto cristão com raízes anteriores nos tempos dos Fenícios, a gente das forjas. É bem conhecida a hipótese dos romanos terem destruído as comunidades fenícias que aqui se encontravam e terem aproveitado as suas fundições para a cremação que entre eles era habitual. *Jan Caria* e *Moreiró* são topónimos ali vizinhos que adensam a suposição.

Desde as suas origens perdidas nas brumas de um passado mítico, com raízes nos longes imemoriais, até à actualidade, ficou a certeza de ser uma terra bafejada pela omnipresença do sagrado que se faz sentir no ar puro e nas suas múltiplas interpretações literais, alegóricas, morais e anagógicas. Crê-se mesmo que o culto de S. Pedro em Fornos é tão antigo como o da Senhora das Seixas em Arcas.

Trata-se de um povoado com património de um pendor histórico e naturológico, monumental, artístico, e de amplos recursos naturais e paisagísticos. Destaque para uma sepultura escavada na rocha, não antropomórfica e de configuração trapezoidal, sita na *Quinta de S. Pedro*. Destaque também para a capela de S. Pedro, de boas dimensões, caiada, com sineira a sobrepujar o portal principal que apresenta a característica incomum de se encontrar direccionado para o nascente. Em redor, um belo adro de cubos. O Nicho do Senhor Dos Milagres é também de realçar, guardado por quatro frades de pedra, iguais aos que rodeiam os pelourinhos, contíguo ao qual foi construído um espaço de lazer suportado por um muro onde se ostenta um marco da Universidade de Coimbra com letras VDE insculpidas.

No complexo habitacional sentem-se as características de lugarejo com laivos de uma quietude idêntica ao interior silente e solene dos templos. No casario rústico, perpassado de nergas e taliscas, infiltram-se feixes de sol em filetes de oiro bulindo, alavando-se voláteis por toda a parte, deixando à vista desarmada pequenas partículas de poalha gravitando em passos morosos de astronauta. Que belos quadros estes de enxambramento, produzidos pelo lineamento solar e arquejados por avelhentadas pedras! Como que extenuados, ali podemos ficar, mirando ou alargando o óculo para outras belezas de uma paisagem fecunda.

Um recanto a não olvidar para quem lograr dar pascigo aos olhos. Tanto para os que já o visitaram como para aqueles que o façam pela primeira vez, embora estes, que se sentirão como insecto na sua primeira manhã, terão vantagem sobre os primeiros.

Moimenta da Beira

Publicado no dia 11/11/2011

Sobranceiro à Serra de Leomil que dali dista poucos tiros de perdiz, ergue-se este povoado a uma cota assinalável de altitude, retalhado de vielas e avenidas recentes e onde grassa por todas as juntas um vento puro que no Verão reifica a alma e em tempos de maior invernia corta o coiro e faz apeteecer os cueirinhos junto de tições. Às rabanadas de vento no pino do Inverno crescem as fagulhas de água e cerrados nevoeiros pachorrentos e fuligentes com a repousada segurança de um lago, os quais humidificam os solos e guarnecem as redes vasculares de água viva do subsolo que chocalha aqui, poreja acolá, favorecendo alagoeiros.

Trata-se de um povoado muito antigo e Bento da Guia, um tanto à disposição de lançar de pistas, filiou-o a uma cidade-estado da Lusitânia. Moimenta, tão só Moimenta. Apenas assim se chamava, passando a ser “da Beira” por comodidade de distinção para com Moimenta do Douro e Moimenta da Serra. A nossa Moimenta bem podia ser tudo isso, da Beira, do Douro e da Serra. É de todas a mais rica por se encontrar numa zona de transição. Etimologicamente dizem-nos velhos incunábulo que deriva de *Monumenta*, vocábulo com significação dispar que necessita de ser eximamente estudado. A tradição oral aponta para a morte no local de um rei mouro que com seus vassallos aí ficou sepultado, dando origem ao topónimo, mas tal carece de científica validação. *Ónia*, *Corujeira*, *Portelinha* e outros lugares são o testemunho fiel da antiguidade do lugar.

O foral atribuído por Paio Vilar em Janeiro de 1189 a uma Moimenta crê-se ter tido como destinatária a actual Moimenta da Beira. Este aforamento particular e não régio indica uma pretensão muito antiga de concessão de privilégios com o objectivo de atrair o povoamento, o que foi paulatinamente acontecendo. A sua vinculação ao couto de Leomil como “freguesia” é ancestral e apenas desapareceu com a extinção deste no século XVI. Talvez por intermédio dessa filiação figura no Cadastro da Beira de 1527. Até aqui pertencente a Leomil, a freguesia de S. João Baptista adquiriu no século XVI um estatuto de autonomia e logo a seguir guindou-se a concelho. Entremeado com o betão do progresso ainda se nos vai deparando de frente o duro granito beirão, descobrindo-se ao jeito de lugarejo rústico calcorrear atalhos e pinchar de calhau em calhau, ora às canchas, ora nos bicos dos pés. Há também ainda carreiros de saibro com poças atoladiças por onde tremeluzem os cachos de luz que do firmamento reflectem, e planícies de granjeio, ervaçais balofos e silvados enriquecidos.

Moimenta da Beira oferece-nos hoje à retina bons visos de um rico património. Sabe-se aqui ter existido, em tempos, um Hospício de franciscanos italianos a quem a coroa de tal forma dificultou a estadia que tiveram de rumar a outras paragens. Dele não ficou nenhum vestígio físico. Muito menos ficou, ou apenas se desconhece, a morada da antiga casa da roda que recolheu tantas centenas de bebés da região abandonados. Fora estes, quase todos os outros imóveis de notável valor arquitectónico que se sabe terem existido aqui, chegaram ao presente. É o caso do mosteiro de monjas beneditinas de N. Senhora da Purificação, fundado pelo Dr. Fernando Mergulhão depois de ter obtido do Sumo Pontífice uma bula em 1594. Teria este cenóbio, em 1650, três lanços de dormitório com quarenta celas todas ocupadas.

É o caso de tantos outros imóveis. Mas não só. Terra de barões e viscondes, das famílias Sarmento, Vasconcelos e Castro; terra de robustos solares com o reino do barroco e do rococó a ressoarem no lustro de pormenores dignos de reparo; terra de religiosos costumes, ecoando no presente os clamores nos idos de seiscentos rumo à Ponte do Abade, a S. Pedro de Fornos, a N. Sra. da Igreja em Paradinha, a S. Miguel de Peravelha e a S. Pedro das Águias; terra de antiquíssimas irmandades como a do Santíssimo Sacramento que remonta pelo menos à centúria de quinhentos; terra de vetustas capelas ainda hoje erectas e outras já abalroadas como a de S. Plácido e da que terá existido ou no solar dos Sarmentos ou no das Guedes; terra de esbeltas fontes, umas mais arcaicas outras mais modernas, com destaque para o regato místico da Fonte da Pipa de que se cantam profecias afixando-se que todo o que dela beber “cá fica”; terra de casas ornadas a toque de misticismo que se presume judaico, como é o caso da *Casa da Moimenta*; terra de prosas e poesias e sobretudo terra de um ar diáfano e de uma paisagem bucólica entalhada nos cotovelos de outras que lhe ficam à ilharga como Leomil, Castelo, Paradinha, Arcozelos e Toitão.